

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE NOVEMBRO DE 1997

Senhor Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Meu caro companheiro, amigo, Ministro da Cultura, Francisco Weffort; Senhores membros do Corpo Diplomático; Senhores Ministros de Estado; Parlamentares; Governadores; Agraciadas e Agraciados; Senhoras e Senhores,

Eu disse, há pouco, ao Ministro Weffort que, depois do discurso que ele fez, eu não tinha nada a acrescentar. Ele, como foi meu aluno e trabalhou comigo muitos anos, sabe que, apesar de eu dizer isso, não resisto à tentação de falar.

Eu quero dizer que, além da satisfação, do orgulho mesmo, como Presidente do Brasil e como brasileiro, de nós podermos, hoje, prestar essa homenagem singela de reconhecimento a figuras que têm trabalhado com tanto entusiasmo em aspectos os mais variados para a nossa cultura, realmente, as palavras do Ministro Weffort sintetizam o pensamento do Governo, dele, meu e de todos os brasileiros que estão acompanhando o que acontece nesse país.

Eu acho que esta mesma festa, os seus patronos – como salientou o Ministro Weffort – Pixinguinha e Castro Alves, a variedade daqueles

que aqui são homenageados, em termos de suas trajetórias de vida, de suas trajetórias intelectuais e a riqueza que isso significa nos mostram que o Brasil, de fato, é um país que pode sentir-se à vontade com sua identidade, com essa identidade que não vou repetir, mas que já foi tão bem descrita pelo Ministro Weffort.

Nessa conferência, que ele mencionou com gentileza, que proferi, aqui, em Brasília, para a Unesco, eu disse uma outra frase que, de vez em quando, digo para provocar. Estávamos falando para um público, naturalmente internacional, e falei um pouco de Descartes. Enfim, alguma coisa de que ainda me lembro. Mas, para que não pensassem que nós, aqui, estávamos com essas pretensões primeiro-mundistas, eu disse: “olhem, eu sou cartesiano, mas com uma pitada de candomblé”. E aqui é isso, nós somos assim.

Aqui nós estamos, nesta festa da cultura, homenageando Lúcio Costa. Lúcio Costa é um expoente internacional. É um homem cuja obra marca a trajetória da arquitetura moderna mundial. É um homem que se equipara a Le Corbusier, ao nosso Niemeyer, aos grandes da arquitetura, a Frank Lloyd Wright, enfim, pertence a esse mundo. Mas nós estamos homenageando, também, Mãe Olga do Alaketu, estamos homenageando também a quem sabe cozinhar. E cozinha é cultura. Nós estamos homenageando o Braguinha, nós estamos numa outra vertente dessa mesma dimensão extraordinária do Brasil, que dá Lúcio Costa, que aproveita a obra da Fayga Ostrower, o Poteiro, que é um homem de um talento plástico que eu diria internacional, extraordinário, uma sensibilidade incrível. E com esta variabilidade toda, de alguém que foi buscar na iconografia brasileira o que ela tinha de mais específico e mais expressivo, e guardou para que nós pudéssemos continuar usufruindo tudo isso, que é o Gilberto Ferrez.

O meu companheiro e amigo maestro Diogo Pacheco, que me passou o bastão para reger a orquestra lá em Pirenópolis, disse que eu estou regendo bem. Ele está se referindo ao Brasil. Eu aceitei só uma parte do que ele disse, pois eu não sei nem os compassos mais elementares.

E ao lado de pessoas tão extraordinárias, como os repentistas de Parintins – e Parintins é um marco de toda uma renovação da nossa

cultura amazônica, e aquela coisa extraordinária que mistura o popular com o pop internacional –, ao lado disso, nós estamos aqui, também, homenageando pessoas que têm se destacado no mundo internacional do cinema. Eu estou torcendo, como já torci por “O Quatrilho”, estou torcendo pelo “O que é isso, companheiro?”, que merece o seu reconhecimento lá com o Oscar. E ao lado de todos esses há aqueles que dão sustentação à cultura, que aqui foram referidos e homenageados, desde os que publicam livros, que mantêm orquestras, que mantêm coleções de arte, que levam as televisões à vanguarda, que têm capacidade, nos Ministérios e nas Secretarias de Cultura, de criar condições para que nós avancemos numa enorme variabilidade. O Brasil não é um País de aspecto simples, porque essa mesma diversidade referida pelo Ministro Weffort às vezes surpreende e às vezes desorienta.

Nesses dias, como as coisas estavam meio complicadas por aí, escrevi um prefácio para um livro que vai ser publicado na França, do Roger Bastide, sobre o candomblé da Bahia. E na releitura do Roger Bastide – eu fui aluno dele, fui assistente dele – tentava me recordar um pouco do significado das religiões africanas no Brasil. Logo no início, o Bastide diz uma coisa sobre o candomblé que eu acho que se aplica à cultura brasileira. Ele diz: “no candomblé o tempo é conhecimento, ninguém conhece de repente, há um rito de iniciação, vai-se pouco a pouco, passa-se de um estágio ao outro, o tempo trabalha.”

É assim também conosco em geral no Brasil e na cultura brasileira. Não dá para, de repente, perceber que essa variabilidade é única, tem identidade, que apesar de tanta disparidade, no fundo, nós dizemos em tons diferentes, não digo a mesma coisa, mas com a mesma raiz, com a mesma inspiração. E é preciso que o tempo trabalhe para que nós possamos conhecer essa diversidade. Isso é uma riqueza incomparável. Apesar de todos os sinais da modernidade – esse telefoninho que toca sem parar, por exemplo – essa modernidade nem sempre é agradável. Apesar de tudo isso, da globalização que é hoje moda de se falar, como se fosse uma coisa extraordinária, o que conta, mesmo, é aquilo que disse o Ministro Weffort, é que quem diz a hora de fazer o feijão somos nós, serve-se o prato a hora que se quer. Nós temos capacidade de

definir nosso rumo. E essa capacidade de definir nosso rumo depende da cultura; depende dessa capacidade de efetivamente ver-se o que acontece, aqui dentro e lá fora, com lentes que são próprias. Essa lente é matizada, ela é variável, às vezes é bifocal, pode ver mais longe, ver mais depressa. E depende também, como disse, que o tempo trabalhe.

Quero terminar, e vou me desculpar, porque não vou poder assistir à continuidade – eu disse quando chegava aqui, ao Presidente cabem quase sempre os espinhos – mas, enfim, não me queixo. Não vou poder permanecer, porque estou numa outra reunião simultânea. Mas eu queria, ao terminar, dizer que, nesse aspecto, desse Brasil, com essa plasticidade cultural, com essa variabilidade, acho que neste momento em que o mundo todo discute a sua integração – e eu tenho repetido sempre, integração sim, mas sem exclusão – nós temos que manter essa capacidade nossa, brasileira, de perceber as coisas com a nossa sensibilidade.

Para não terminar só com o candomblé, e com a pitada de candomblé, voltando a Descartes e pensando em Kant, vocês que leram Kant sabem que ele tem sua atualidade, sabem que Kant era um liberal, era um individualista, e um racionalista, mas, ele tinha uma visão que talvez seja apropriada de recordar. É que ele usava uma expressão que saiu de moda. Ela falava na sociedade civil universal. No momento em que nós estamos com a economia se integrando, temos que tomar cuidado para que as sociedades não se desintegrem. E a maneira de elas não se desintegrarem é voltar essa idéia singela de sociedade civil universal. Isso não quer dizer o fim dos estados e das nações. Isso não quer dizer o desaparecimento dos nossos objetivos nacionais, dos nossos interesses nacionais. Mas isso quer dizer a capacidade de nós, ao mesmo tempo, de alguma maneira, vinculados e limitados por certas regras globais, ao mesmo tempo que somos específicos, sobretudo, através da cultura, termos a capacidade de uma vivência em nível de humanidade. Sociedade civil universal é isso. E essa vivência em nível de humanidade só pode dar-se apropriadamente se formos capazes de entender que a cultura, na sua diferenciação, é o que forma a humanidade. Não quero falar do universal concreto, que é mais complicado, já citei muito pedantemente muitos autores complicados, deixemos Kant de lado. Mas

vamos voltar, pelo menos, a essa idéia e vamos marchar com muita confiança em nós próprios para um mundo que é um mundo cheio de desafios. Um país, como o nosso, que tem essa riqueza, se sente feliz com as suas diferenças, se sente orgulhoso de poder conviver com elas. E essa capacidade de produzir em nível tão diferente, até mesmo em nível de erudição, em termos de cultura e de formas de expressão, e numa abrangência tão grande. Nós temos uma imensa dificuldade, quando vamos selecionar, porque são tantos os que merecem, e merecem mesmo, uma singela homenagem da República pelos seus esforços. Um país que tem isso, que tem um punhado de gente, como vocês – me permitam tratá-los com essa informalidade, até porque quase todos os presentes são pessoas com as quais eu tenho gosto de estar, porque tenho simpatia, e, com alguns, convivência antiga, intimidade... Gente, como vocês, faz deste país um grande país.

Muito obrigado.

